Ecstasy 😊: A “bala” das sensações?

“A droga está sempre envolvida nos movimentos de vanguarda dos jovens, talvez pela vontade natural do jovem de experimentar uma p... de coisas, de conhecer, o fato de ser transgressor e contra lei. Acho que Ecstasy é a droga desta rapaziada. Pelos efeitos. Um comprimido de Ecstasy, da forma como é encontrado aqui no Brasil, tem anfetamina que para você ficar 10/12 horas pulando anfetamina é uma coisa boa. Além disto tem outro componente que é o prazer. O Ecstasy te dá uma sensação muito prazerosa.” (AT, 25 anos)

Ecstasy: uma sensação? Sim. Mas, nos tempos de hoje, nome dado à droga de laboratório mais consumida entre os jovens *Clubbers e Ravers*. É através dela que eles buscam alcançar “uma sensação”. A pílula do Ecstasy tem sido consumida em larga escala nos últimos anos. Segundo reportagem da revista *Época de Maio de 2003*, a época em que vivemos, uma época de grandes mudanças culturais, talvez seja a causa. Será?

Segundo Palomino (1999), a disseminação e o aumento do consumo do Ecstasy, na Inglaterra, teria relação com o país, na época, estar vivendo sob a política agressiva de Margaret Thatcher, que espalhou desemprego e insegurança, além de outras situações sociais.

O MDMA (Metilenodioximetanfetamina), substância do Ecstasy, foi sintetizada numa manhã de 1976 por Alexander Shulgin, um PhD em bioquímica de Berkeley, na Califórnia. A fórmula já havia sido fabricada pelo laboratório Alemão Merk em 1912, durante pesquisa com moderadores de apetite, mas ficou esquecida desde então. O cientista californiano e sua esposa apresentaram a droga, na época conhecida como ADAM, a um grupo de amigos psicoterapeutas que viram nela a possibilidade de apressar sessões de terapia dada a sensação de honestidade consigo e com os outros que ela provocava. O Ecstasy é, portanto, uma droga de laboratório. Essa droga provoca forte descarga de serotonina, o neurotransmissor

responsável pela sensação de prazer e bem-estar, e é parente das anfetaminas, substâncias usadas em remédios para emagrecer.

Hoje ela é vendida em vários tamanhos, cores e desenhos, sendo conhecida vulgarmente por “bala”, “E”, ou “pílula do amor”. Parece que a venda dessas “balas”, se dá por gente de classe média e não por traficantes, o que às vezes gera uma ilusão nos jovens de que não estão “sustentando o tráfico”, como disseram numa reportagem da revista *Época*, em 26 de Maio de 2003. Ficam então as perguntas: Qual foi a trajetória do Ecstasy depois que saiu dos laboratórios? Como começou a freqüentar as festas *Raves* e a transitar por entre *Clubbers*?

“Não conheço freqüentador de Rave careta. Não que estejam todos doidos, mas, pelo menos uma vez, já tomaram alguma coisa. Mas existe aqueles doidos pela música mas que é muito pouca gente de qualquer forma.” (D, 34 anos)

Segundo Palomino (1999), podemos tomar 1988 como o ano zero do consumo do Ecstasy na Inglaterra. Entre outras histórias, o episódio que marca o começo do uso dessa droga está registrado num livro intitulado *Class of 88*, escrito por um *Clubber* daquela época: Um grupo de Djs voltou de férias de Ibiza, na Espanha, com a vontade de tentar reproduzir em casa as sensações praticadas por lá, misturando música e droga.

A cultura do Ecstasy tornou-se desde então a cultura dos fins de semana, nos quais as características próprias da droga que serviam para eliminar barreiras sociais na busca de um novo tipo de coletividade nunca experimentado antes. Mas, se na Inglaterra o Ecstasy “decolou” ligado ao tipo de som chamado Acid House, por aqui chegou seis anos mais tarde e ligado diretamente à febre do som Techno.

“Conheci a cena em 94/95 quando fui na primeira festa que se chamava Ecstasy Party. Fui para conhecer mesmo pois disseram que tinha chegado um negócio novo, aí eu fui lá ver com uns amigos. Éramos todos muito amigos, então na minha primeira experiência com a música eletrônica foi também minha primeira experiência com a droga em si. Foi uma experiência muito forte porque éramos todos muito amigos e muito novos. Agente se deslumbra porque te leva a um estado de euforia.” (L, 23 anos)

“É uma coisa... Vem junto. É raríssimo uma pessoa que fala que foi para balada e ficou 10 horas bombando numa Rave e não usou nada.” (G, 23 anos)

Por que, então, está em voga o Ecstasy? Por que essa é, sem dúvida, a droga mais utilizada nessa “tribo” que pesquisamos? Baseados nesses últimos depoimentos, podemos colocar que talvez os jovens brasileiros, como já disse Palomino (1999), tenham começado a tomar Ecstasy por quererem fazer parte dessa “*Geração Química*”, para se sentirem incluídos, pois a forma de socialização nos tempos atuais acontece por meios da sensação, por meio do *sentir em comum*, como vimos com Maffesolli. Assim, não seria sem fundamento dizer que a droga Ecstasy tem também uma grande influência na socialização dessa nova “tribo”, pois esta faz com que se tenha sensações de prazer, o que acaba por unir as pessoas.

“Súbito todos parecem amigos. Todo mundo é legal. Ao ritmo intenso da música nos sentimos parte de um movimento, nos sentimos parte de alguma coisa. De qualquer coisa.” (Palomino, 1999:81)

“Agente se deslumbra porque te leva a um estado de euforia.

Não vou dizer que é felicidade porque não é real . É algo que você nunca vai chegar careta.” (L, 23 anos)

“A comunicação provocada pelo Ecstasy se dá também através da dança. Progressivamente os passos se tornam iguais.” (Palomino 1999:81)

Mas, quem sabe? Talvez esses jovens façam uso dessa droga pelo simples fato de quererem se divertir sem nenhum desejo de contestação,

protesto ou manifesto por trás, pois, como já foi colocado, a ideologia de nossos tempos é o hedonismo. Dessa forma, essa juventude talvez tome a droga apenas por vontade, nada além de querer dançar sob a luz do estrobo, compartilhando experiências com os amigos. Mas, a última e mais drástica hipótese do porquê esses jovens se drogam com Ecstasy atualmente é a de que essa droga está na moda!

Disso vieram minhas experiências com as drogas, né? Tomava Ecstasy. Fumava maconha e até beijeí na boca de mulher também porque era moda e eu fazia tudo.” (A, 19 anos)

Vale a pena salientar que o movimento atual de nossa cultura deixa supor que somos capazes de fabricar objetos suscetíveis de satisfazer todas nossas necessidades e que o progresso técnico e científico dá conta de nossas frustrações. Na “cultura das sensações”, a ciência é perfeitamente capaz de tratar os impasses dos nossos desejos já que os trata através do fornecimento de objetos ou drogas adequadas. E o jovem participa perfeitamente desse processo de consumo de satisfações e sensações, pois vivem num imediatismo no quais as frustrações não são toleradas. Desse modo, a droga não parece mais um produto patológico ou anormal, pelo contrário, parece um objeto muito natural por dar a sensação de que resolve alguns de nossos males. E, assim, atualmente, junto a essa tribo, existe uma normalização implícita das drogas.

“A droga sempre está presente. Nunca fui para uma Rave sem uma bala no bolso e uma já era pouco.” (A, 19 anos)

“Agora cada vez mais a droga está sempre presente.” (A, M e G 18 e 19 anos)

“A sensação é muito boa. É uma onda muito leve, você se sente flutuando mas dá problema, da defeito e você fica deprimido mais fácil.” (D, 34 anos)

Sabemos que desde muito tempo as drogas estiveram presentes entre as tribos jovens. Como foi colocado pelo psicólogo Murilo Battisti, em reportagem da revista *Época* de 26 de Maio de 2003, os anos 60/ 70 foram a época do LSD, que levava as pessoas a ter uma atitude mais contemplativa, combinando com o espírito da época, em que os *hippies* se opunham ao capitalismo e à sociedade de consumo. Já nos anos 80, segundo Battisti ainda, nos demos conta que estávamos imersos na sociedade de consumo, então foi a vez da cocaína virar “moda” entre os *yuppies*, uma vez que essa produzia uma sensação de poder. Nos tempos atuais, tempos de festas *Raves* e..., então, nada mais perfeito para a “cultura das sensações” do que o Ecstasy, que promete apenas prazer além de combinar com a cultura *fashion* e a era dos *singles*.

Numa *Rave*, nossos sentidos devem estar exacerbados pela música que escutamos e pelas luzes que nos cegam. Nosso diálogo é dificultado pelas batidas do som e o desencontro ampliado pela movimentação do local. Dessa forma, o Ecstasy vem na contramão disso tudo, vem para nos “ajudar” a conseguirmos ficar 12 horas “ligados”, pulando e sentindo o som, sem muita ou quase nenhuma necessidade de comunicação verbal, mas nos comunicando pelo sentir, pelo dançar.

“A peculiaridade dela está na percepção que ela te dá das coisas. Ela te deixa num estado que te facilita você gostar daquilo. Para entender Techno só doido. Não sei colocar em palavras mas a repetição infundável não te incomoda pelo contrário, te deixa em transe. A diferença da música eletrônica são os timbres que antes você não conseguia tirar com guitarra, por exemplo, então, o sopro entra, e com o Ecstasy o sopro entra no peito. É uma sensação muito boa.” (D, 34 anos)

“Depois de 25/30 minutos, um formigamento interior, a sensação de ter o peito cheio de ar, sorrisos distribuídos, bem-estar, alegria.” (Palomino 1999:81)

Todavia, apesar de toda essa tentativa de anulação das frustrações na cultura atual e do hedonismo que impera parece-me que a droga, ou melhor, o Ecstasy tem um outro lado não muito colorido que com o passar do tempo de uso vai se mostrando uma realidade mais dura. Na tentativa de dar conta das sensações não muito prazerosas depois de horas dançando sob o efeito do Ecstasy, os *Clubbers* criaram o “*Chill Out*” (esfriar). Mas, o que é isso?

Os *Clubbers* sentiam a necessidade de ficar juntos depois das festas, talvez pela experiência compartilhada ou, quem sabe, pelo próprio vazio provocado pelo término do efeito das drogas. Então, quando o Ecstasy e as *Raves* passaram a deixar as pessoas acordadas até meio-dia apareceram os primeiros “*Chill outs*”, nos quais se relaxava e se esperava passar o final do efeito do Ecstasy (o chamado *comedown*). E, no início dos anos 90, apareceram em Londres também, os *breakfast clubs* (clubes de café da manhã) com DJs e música. Mas em São Paulo e no Rio de Janeiro, onde os *Chill Outs* acontecem, têm quase sempre um caráter doméstico, são reuniões em casas de amigos. Mas, com o passar do tempo, os *Chill Outs* viraram festa. E assim, a festa nunca termina, o que pode ser relacionado com a mudança na concepção de tempo, discutida anteriormente. Temos cada vez menos tempo na atualidade e as festas estão cada vez mais longas. Mais um paradoxo de nosso tempo.

“Não, na verdade os Chill outs são uma continuação da onda. Quando o cara já está esgotado e quer dar uma sentada e escutar um som mais light mas certamente em busca de sensações que a droga te oferece ou de ficar socializado no grupo.” (D, 34 anos)